

<https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.8282>

O COMBATE ÀS FAKE NEWS NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO PORTUGUÊS: LINGUAGENS (PNLD 2024–2027)

COMBATING FAKE NEWS IN TEXTBOOKS: AN ANALYSIS OF THE PORTUGUÊS: LINGUAGENS COLLECTION (PNLD 2024–2027)

Sabrina Nayara de Lima Brito¹

<https://orcid.org/0000-0001-7291-0802>

RESUMO: A expansão das tecnologias digitais ampliou o acesso à informação, mas também intensificou a desordem informacional, salientando a necessidade de formar leitores críticos. Este artigo analisa a abordagem do combate às fake news na coleção Português: Linguagens (Saraiva), aprovada pelo PNLD 2024–2027 para os anos finais do Ensino Fundamental. A pesquisa focaliza atividades de leitura e produção textual voltadas ao desenvolvimento do letramento crítico e midiático. Fundamenta-se no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006, 2008), na didatização dos gêneros textuais (Schneuwly; Dolz, 2004), nos estudos sobre desordem informacional (Wardle; Derakhshan, 2017; Santaella, 2019) e nas discussões sobre letramentos (Kleiman, 1995; Street, 1984; Knobel; Lankshear, 2003). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e interpretativista. Os resultados mostram que o material aborda o tema de forma transversal, articulando diferentes gêneros discursivos, como entrevista, tirinha, campanha publicitária e editorial, e promovendo práticas de verificação de fontes, checagem de informações, reflexão e postura crítica diante das informações que circulam nas redes sociais. Contudo, a análise evidencia que o combate às fake news no material privilegia a responsabilidade individual do leitor, dedicando pouca atenção aos fatores estruturais da desinformação, como algoritmos, plataformas digitais e interesses político-econômicos, assim como das estratégias multissemióticas empregados em fake news. Conclui-se que, embora o material contribua para a formação de leitores críticos, sua abordagem pode ser ampliada por discussões mais aprofundadas sobre os processos sociais e tecnológicos da desinformação, reforçando o papel do professor na promoção de uma educação midiática e informacional mais abrangente.

Palavras-chave: fake news; livro didático; letramento.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862241094567452>. E-mail: brt.sabrinlima@gmail.com



ABSTRACT: The expansion of digital technologies has broadened access to information, while also intensifying information disorder, thereby highlighting the need to foster critical readers. This article analyzes how the fight against fake news is addressed in the Português: Linguagens textbook collection (Saraiva), approved by the Brazilian National Textbook Program (PNLD 2024–2027) for the final years of elementary education. The study focuses on reading and writing activities aimed at developing critical and media literacy. The theoretical framework is grounded in Sociodiscursive Interactionism (Bronckart, 2006, 2008), the didactic transposition of textual genres (Schneuwly & Dolz, 2004), studies on information disorder (Wardle & Derakhshan, 2017; Santaella, 2019), and literacy studies (Kleiman, 1995; Street, 1984; Knobel & Lankshear, 2003). Methodologically, this is a qualitative, interpretive documentary study. The findings show that the textbook addresses the topic in a cross-curricular manner by integrating different discourse genres, such as interviews, comic strips, public awareness campaigns, and editorials, while encouraging source verification, fact-checking, critical reflection, and ethical engagement with information circulating on social media. However, the analysis also reveals that the textbook emphasizes the individual responsibility of readers in combating fake news, paying limited attention to the structural dimensions of disinformation, such as algorithms, digital platforms, political and economic interests, as well as the multisemiotic strategies employed in fake news. It is concluded that, although the textbook makes an important contribution to the development of critical readers, its approach could be strengthened through more in-depth discussions of the social and technological processes underlying disinformation, thereby reinforcing the teacher's role in promoting a broader perspective on media and information literacy.

Keywords: fake news; textbook; literacy.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da emergência de uma vasta gama de recursos tecnológicos, no Brasil o livro didático tem ainda demasiada importância no contexto escolar, sendo em muitos casos o único material do qual dispõe o professor para realizar seu trabalho. Considerando esse protagonismo, torna-se um documento rico em indícios sobre os pressupostos didático-metodológicos assumidos para a didatização dos conteúdos. Isso se deve em parte ao fato de políticas públicas terem facilitado a distribuição de livros didáticos, mas também em virtude da confiança que os professores e as instituições depositam nesse material como referência para a organização do trabalho pedagógico. Com isso, a análise do livro didático se mantém como uma importante via para compreender as orientações curriculares e as concepções que efetivamente chegam à sala de aula.

Tradicionalmente, os materiais didáticos mantêm um papel de relevância na história do ensino no Brasil. O livro didático faz parte da cultura escolar, reflete-a, influencia-a, representa-a e contém importantes indícios daquilo que se vem pretendendo fazer em termos de ensino para a aprendizagem da disciplina curricular a qual se destina (Munakata, 2012, 2016). Para o autor, analisando determinados aspectos do livro didático, é possível dimensionar crenças, valores, ideologias, políticas, saberes e pressupostos teórico-metodológicos nele assumidos.



Entendemos que uma análise didático-metodológica de livros didáticos de português (LDP) pode ser importante, na medida que poderá lançar luz sobre como o professor de português irá trabalhar a prática de leitura de gêneros textuais em mídias digitais para desenvolver competências e habilidades que são cada vez mais necessárias ao educando na sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere, em especial, ao combate às fake news.

Expressamente a BNCC (Brasil, 2018) trouxe à tona para o ensino de português questões como: a confiabilidade da informação, a proliferação de fake news, a manipulação de fatos e opiniões, entre outras problematizações. Nesse cenário complexo, a escola contemporânea deve buscar desenvolver o letramento não só nas práticas de leitura crítica, mas também associá-lo aos novos letramentos, ao letramento informacional, aos letramentos multimidiáticos e aos letramentos digitais críticos. É incontestável a necessidade de se preparar os alunos em formação básica para identificarem textos que veiculam desinformação.

Nesse sentido, esta proposta justifica-se em virtude da emergência das mídias digitais e do seu impacto na (re)produção de notícias falsas. Apesar de não ser um tema exclusivamente contemporâneo, as redes sociais ampliaram a velocidade e o alcance de sua circulação. Nesse cenário, as aulas de português se tornam um lugar privilegiado na formação de leitores críticos, capazes de avaliar as informações que circulam nas diferentes mídias. Estudos recentes têm demonstrado a pertinência dessa discussão no contexto escolar, especialmente quanto ao tratamento do tema fake news em livros didáticos.

O trabalho de Agra, Neves e Guimarães (2023), por exemplo, analisaram livros didáticos de português do ensino fundamental, identificando limitações na abordagem proposta para formação leitora crítica no que concerne ao combate às fake news. Nessa mesma direção, o estudo de Lima (2025) analisou a temática em livros didáticos do ensino médio, identificando uma abordagem interacionista na coleção de livros selecionada. Vale ainda ressaltar a tese de doutorado de Mitsunari (2025), que analisando livros didáticos do ensino médio identificou que não basta somente contemplar a temática no livro, mas o modo como ela abordada, é preciso problematizar a maneira como essa abordagem é feita.

Reconhecemos que a temática já vem sendo amplamente explorada em diferentes perspectivas e analisando diferentes coleções de livros. Visando a contribuir nos estudos relacionados ao combate às fake news e considerando a repercussão e a contemporaneidade desse fenômeno, é ainda relevante investigar como esse tratamento é proposto nos LDP do ensino fundamental anos finais, atualizados às disposições educacionais mais recentes, previstas na BNCC, especificamente na coleção *Português: Linguagens* da Editora Saraiva, utilizada em muitas escolas brasileiras atualmente.

Este estudo é relevante no sentido de averiguar como o livro didático, importante recurso de formação escolar, aborda as estratégias de leitura crítica e de combate à proliferação de fake news, sobretudo porque esse fenômeno ocorre a favor da manipulação e do engano, colocando em risco a segurança das pessoas e afetando a coletividade em diversos âmbitos: saúde, economia, política e educação.

Além de gerar um diagnóstico, essa pesquisa é relevante no sentido de subsidiar a produção de materiais didáticos complementares que preencham as lacunas deixadas pelos manuais didáticos analisados, podendo também motivar mudanças nos próximos manuais e nos programas de formação inicial e continuada de professores, atendendo a uma demanda existente e crescente.

Nesse contexto, emerge o seguinte problema: de que modo é abordada nos atuais livros didáticos de português dos anos finais do Ensino Fundamental, atualizados à BNCC (2018) e aprovados pelo PNLD 2024-2027, a prática de leitura quanto ao combate à proliferação de fake news? Mais do que preparar o aluno para saber ler em mídia impressa, é preciso prepará-lo para ser um leitor crítico no mundo real e virtual.

O objetivo deste trabalho foi investigar o tratamento do combate à proliferação de Fake News na coleção de livros didáticos Português: linguagens da editora Saraiva, aprovada pelo PNLD 2024-2027 e adotada atualmente nos anos finais do ensino fundamental. Ou seja, descrever e discutir os procedimentos de combate ao fenômeno de proliferação de fake news circunscritos às atividades de leitura que compõem o corpus.

Além desta seção introdutória, o trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiro, apresentamos uma breve explanação do referencial teórico assumido, seguida pela exposição da metodologia empregada, da análise dos dados e da discussão dos resultados. Por fim, apresentamos as considerações finais que indicam novas possibilidades de pesquisa na área e proposta didática.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, apontaremos a perspectiva teórica que conduzirá as análises e apresentaremos alguns conceitos básicos relevantes ao nosso estudo. Primeiramente, situamos nossa pesquisa no âmbito da Linguística Aplicada. Em seguida, apontamos o suporte teórico do Interacionismo Sociodiscursivo como enquadramento geral de nossa pesquisa. Por fim, apresentamos algumas das noções fundamentais sobre desinformação, fake news e pós-verdade que subsidiaram as discussões.

Esta pesquisa situa-se no âmbito da Linguística Aplicada (LA), campo de estudo que surgiu nos anos 1960 como aplicação dos princípios, das técnicas e dos construtos teóricos linguísticos para tentar solucionar problemas ligados ao ensino de línguas e aos seus usos nos contextos sociais. Voltando-se para as questões reais de linguagem e de uso da língua nas práticas sociais, escolares ou não, a LA constituiu-se a partir da década de 1990 como uma ciência aplicada interdisciplinar – ou indisciplinar como sugere Moita Lopes (2009) –, na qual diferentes contribuições teórico-metodológicas são combinadas a fim de propor alternativas e soluções a problemas complexos de uso da língua e do seu processo de ensino-aprendizagem em diferentes contextos.

Além disso, para a compreensão da análise resgatamos alguns dos pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Essa teoria surgiu a partir dos estudos do denominado Grupo de Genebra, cujos principais representantes são os pesquisadores suíços Bronckart (2008), Schneuwly e Dolz (2006). Diversos pesquisadores brasileiros têm recebido influências do modelo didático do ISD, inclusive a própria BNCC apresenta parte dessa influência.

Nesse enquadramento teórico e metodológico, compreende-se que o ensino de língua materna deve considerar as atividades de linguagem, que como toda atividade humana são mediadas por instrumentos situados entre o indivíduo e o objeto sobre o qual ele age (Schneuwly, 2006). Nesse sentido, como destaca Ecaterina Bronckart (2017), o ISD assume uma concepção de linguagem enquanto prática social. Para esses teóricos, a linguagem é sempre antes de tudo uma atividade humana, estando, portanto, sempre ligada a uma ação.



Partindo dos pressupostos do interacionismo de Vygotsky (2008), o ISD elege a noção de gênero textual como instrumento mediador da ação humana por meio da linguagem. Nas atividades de aprendizagem, assim como na vida social, o papel do gênero textual é de instrumento mediador, considerando o uso da língua em situações sociointerativas reais. Trata-se de considerar o gênero textual como um “(mega)instrumento para agir em situações de linguagem” (Schneuwly; Dolz, 2006, p. 44).

Para Bronckart (2017, p. 107), os gêneros textuais funcionam como “modelos gerais historicamente elaborados no quadro de determinadas esferas da atividade humana e que estão, desse modo, em uma relação de interdependência com essas mesmas esferas da atividade.” Dimensionar as implicações do domínio sociodiscursivo é, então, imprescindível na abordagem dos gêneros no contexto escolar de modo que o gênero não pode ser dissociado do domínio em que ele se realiza. Na escola, eles são tomados como “objetos concretos, empíricos, sobre os quais os alunos trabalham em sala de aula”. (DOLZ et al., 2006, p. 144).

Com isso, todo gênero de texto de qualquer domínio sociodiscursivo passa, então, a figurar no contexto escolar da sala de aula como um gênero textual didático – o livro didático em si é um gênero textual compilador de gêneros textuais voltado para fins didáticos. Nessa perspectiva, o gênero textual é posto como um “arquitexto” mobilizador de um conjunto de parâmetros, genericamente classificados por Bronckart (2008) em: (I) parâmetros físicos, tais como: emissor, receptor, espaço e tempo do ato de produção; e (II) parâmetros sociossubjetivos, tais como: o tipo de interação social em curso, os propósitos possíveis nesse quadro e as intenções efetivamente assumidas, os papéis atribuídos aos interlocutores da interação, etc.

Assumindo uma concepção sociointeracionista de linguagem, partimos da noção de texto como a materialidade de um evento de interação por meio da linguagem, ou seja, “como toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário” (Brockart, 2008, p. 87), são “os correspondentes empíricos das atividades de linguagem” (Brockart, 2008, p. 113), tomados no contexto escolar como unidade de ensino. Nesse panorama teórico, a concepção de ensino mobilizada é a de imersão na atividade de linguagem.

Atualmente, a tendência oficial no ensino de língua materna é considerar a língua a partir do seu uso, levando em conta as condições de produção e recepção dos textos. O livro didático passa então a orientar a didática de língua materna a partir dos gêneros textuais que contempla, assumindo um papel (in)formador para o professor. Os teóricos do ISD elaboraram o seu próprio modelo didático para o ensino de língua materna, a partir de um recurso que denominaram de Sequência Didática, voltando-se para a formação de professores. Pensando no ensino de português no Brasil, os documentos oficiais mais recentes indicam novas perspectivas para o contexto escolar.

Diante da problemática levantada em seção anterior, torna-se imperativo pensar o ensino de português a partir da noção de letramentos. Este termo foi usado pela primeira vez no Brasil na obra de Mary Kato, *No mundo da escrita*, publicada em 1986. O termo foi empregado pela autora como tradução da palavra inglesa *literacy*. Segundo Soares (2003) o termo letramento surgiu em contraste ao termo alfabetismo, entretanto, passou a assumir uma concepção distintiva em relação ao termo alfabetismo somente a partir da publicação de Ângela Kleiman, em 1995, *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Amparada pelos novos estudos do letramento de Street (1984), Kleiman postulava

uma concepção socioantropológica do termo, que abrange os usos sociais de linguagem que envolvem a escrita em diferentes contextos, sejam eles valorizados ou não. Atualmente a tendência é usar o termo no plural: letramentos.

Desde a invenção da prensa até hoje, as práticas sociais de linguagem sofreram diversas transformações. As inovações tecnológicas permitiram textos cada vez mais multissemióticos, produzidos e consumidos em diferentes mídias, entre sujeitos de diferentes culturas, o que mobiliza a noção de multiletramentos. Essas mudanças foram percebidas por estudiosos americanos, ingleses e australianos que se reuniram em Nova Londres, no ano de 1996, para discutir questões contemporâneas sobre a linguagem e o papel da educação frente às novas demandas sociais.

Apropriando-se dos estudos da Semiótica Social, o denominado Grupo de Nova Londres (GNL) cunhou o termo multimodalidade para se referir à mescla de diferentes modalidades de linguagem presente em textos contemporâneos: sons, imagens estáticas e em movimento etc. A proposta central é desenvolver a aprendizagem por meio de imersão em práticas situadas, incorporando ao cotidiano escolar as práticas sociais de linguagem, em que a instrução seja aberta e desenvolvida por meio da análise crítica dos temas, valores e relações sociais a qual fazem referência.

O conceito de multiletramentos abrange, desse modo, a pluralidade cultural e a diversidade de linguagens empregadas nas práticas de linguagem entre diferentes culturas. Acrescenta-se, ainda, a noção de novos letramentos, proposta por Knobel e Lankshear (2003), que surgiu para trazer à discussão os diversos letramentos emergentes da incorporação das TDIC na vida social. Dentre eles, destacamos os letramentos midiáticos, entendidos como “habilidades de autoria multimidiáticas, análise crítica multimidiática, estratégias de exploração do ciberespaço e habilidades de navegação no ciberespaço” (Lemke, 2010, p. 461).

É também pertinente explorar o conceito de letramento midiático, relacionando com o conceito de multiletramentos e de desordem informacional. O letramento midiático diz respeito ao conjunto de saberes e habilidades que possibilitam os sujeitos acessar, compreender, avaliar e produzir de modo crítico conteúdos nos mais variados tipos de mídia (Unesco, 2013). Com isso, não basta apenas ter domínio técnico dessas tecnologias e seus recursos, é preciso compreender como as informações são produzidas, consumidas e propagadas nas plataformas digitais, levando em conta os interesses subjacentes, os contextos e seus efeitos.

Dessa maneira, esse conceito está intimamente relacionado à perspectiva de multiletramentos, proposto pelo Grupo de Nova Londres, pois considera não apenas a semiose verbal, mas também as diversas linguagens e semioses combinadas nas práticas comunicativas contemporâneas. Portanto, também não basta só conhecer as características do gênero notícia e os recursos linguísticos empregados, é preciso desenvolver a capacidade de leitura crítica dos textos multimodais presentes nas mídias digitais e o seu funcionamento.

Diante do cenário de desordem informacional, proposto por Wardle e Derakhshan (2017), o combate às fake news não deve se restringir a identificar conteúdos falsos, mas promover efetivo letramento midiático e multimidiático que possibilite ao sujeito ser capaz de avaliar de modo crítico a credibilidade das fontes, identificar quem são os autores e suas possíveis intenções, reconhecer estratégias de manipulação e desinformação, mecanismos de circulação das informações e lógica algorítmica, comparar diversas fontes e assim por diante. Além disso, é preciso associar tais capacidades de letramento midiático com as habilidades de

multiletramentos, o que envolve: saber interpretar recursos multimodais empregados (texto, imagem, som, vídeo, enquadramento, cores etc.) e perceber como eles contribuem para a construção de sentidos.

Para a análise proposta, mobilizamos a noção de desinformação e seus tipos de acordo com Wardle e Derakhshan (2017). O relatório Desordem Informacional elaborado pelos autores propõe um novo modelo para compreensão da proliferação de conteúdos enganosos no ambiente digital. Os autores consideram as fake news como parte de um fenômeno mais abrangente: a desordem informacional, um fenômeno que se intensificou com a internet e as mídias digitais, possibilitando que conteúdos falsos sejam criados e compartilhados rapidamente para milhões de pessoas.

O discurso sobre fake news normalmente empregam três termos, por vezes confundidos como sinônimos: informação falsa, desinformação e informação maliciosa. Entretanto, cada termo possui significado distinto. A desinformação é a informação falsa e intencionalmente criada para causar enganar ou causar danos a uma pessoa, grupo social, organização ou país. Já a informação falsa contém uma informação errada ou incorreta, mas não foi criada com a intenção de enganar ou causar danos. A pessoa acredita que aquilo é verdade e repassa por desconhecimento ou erro. Por fim, a informação maliciosa traz informações verdadeiras, mas divulgada de forma intencional para causar dano, constranger alguém ou gerar conflitos. Essa distinção mostra que o problema não está só na veracidade da informação, mas sobretudo nas intenções e nos efeitos produzidos pela circulação dos textos.

Nessa perspectiva, o próprio termo fake news se torna inadequado porque simplifica um problema complexo, embora seja frequentemente usado por políticos para desacreditar notícias reais que lhes desagradam. No senso comum, as fake news são notícias falsas que circulam na internet. Contudo, segundo Wardle e Derakhshan (2017), a maioria das fake news se enquadra na categoria de desinformação, pois são produzidas intencionalmente para enganar, manipular opiniões, gerar lucro ou influenciar decisões políticas. Por isso, os autores evitam no relatório o uso do termo fake news.

De acordo com Frias Filho (2018, p. 43) fake news é “toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má fé, neste caso com vistas ao lucro fácil ou a manipulação política”. Esse conceito coaduna com a perspectiva de Wardle e Derakhshan (2017). Portanto, além de conter conteúdo falso, é necessário que haja a intenção de enganar e manipular o usuário.

A desordem informacional sempre existiu, mas a internet potencializou o alcance e a velocidade com que ela se prolifera. Nas redes sociais, as fake news se proliferam em intensidade e alcance sem precedentes, geralmente ligada a conteúdos emocionais, que despertam raiva, medo ou indignação. Além disso, a organização e o design das redes sociais favorecem essa proliferação, já que os algoritmos mostram conteúdos semelhantes aos que já consumimos, criando as chamadas bolhas filtradas ou câmaras de eco e favorecendo conteúdos sensacionalistas, polarizadores e apelativos. Os *bots* e os perfis falsos também ampliam artificialmente o compartilhamento dessas informações, tornando também difícil a identificação da autoria e a responsabilização.

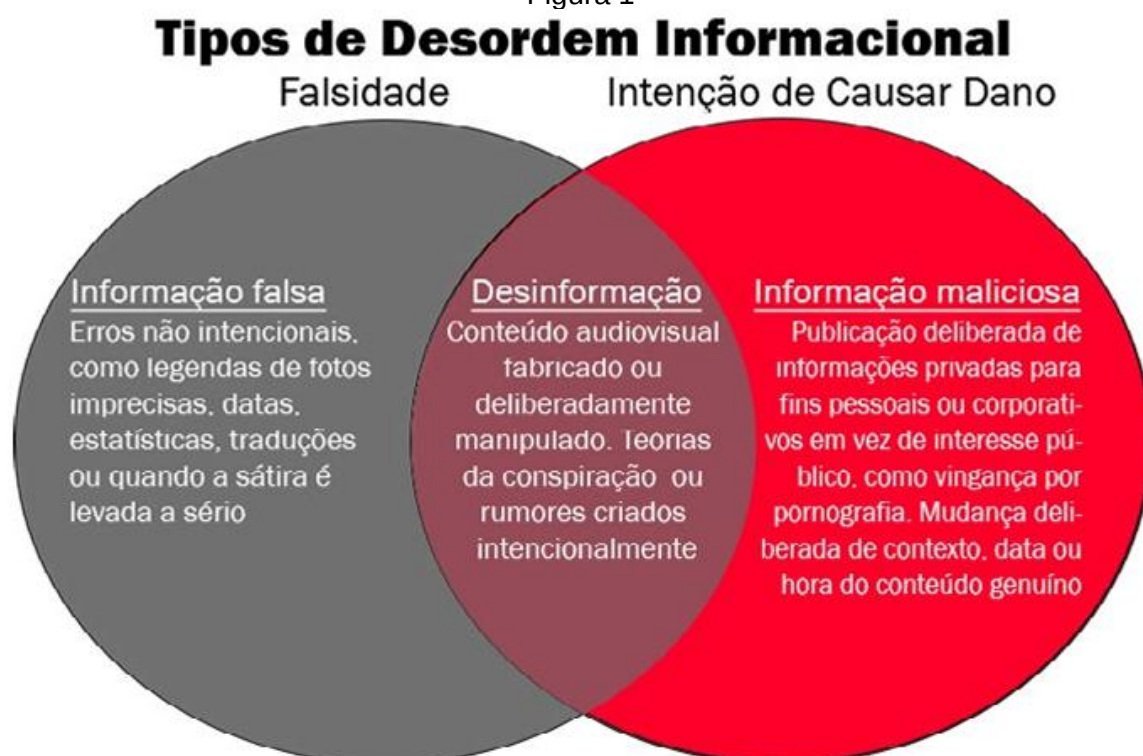
Outro fator é que as pessoas tendem a confiar mais em mensagens enviadas por amigos e familiares, o que facilita a proliferação da desinformação. A circulação de notícias falsas não se explica simplesmente por ingenuidade ou falta de

conhecimento das pessoas. A adesão se deve, em muitos casos, ao fato de que esses conteúdos coadunam com crenças e valores prévios compartilhados por um grupo do qual o sujeito faz parte, reforçando sua identidade enquanto membro daquele grupo, que compartilha determinada ideologia.

Há casos em que as fake news são compartilhadas mais para firmar um posicionamento ideológico, do que para informar (Roussin, 2023). Como é frequente que as informações sejam compartilhadas sem sequer serem checadas quando advindas de pessoas próximas, isso leva os usuários a consumir cada vez mais informações compatíveis com suas crenças e ideologias, reforçando preconceitos e diminuindo o contato com visões divergentes.

Assim sendo, para compreender o fenômeno da proliferação de fake news é preciso considerar a intencionalidade de procurar dano ou não, ou seja, a intenção de quem produz ou compartilha a informação, conforme ilustrado na imagem a seguir.

Figura 1



Fonte: Wardle e Derakhshan (2017, p. 28).

O trabalho de combate às fake news na escola deve instrumentalizar os alunos a distinguir as mensagens verdadeiras das falsas. Para tanto é preciso que saibam reconhecer as FN como mensagens criadas, produzidas ou distribuídas por agentes que pretendem causar danos. Além disso, é necessário conscientizar dos efeitos negativos desse fenômeno, que pode influenciar eleições e debates políticos, afetar a confiança nas instituições, propagar teorias conspiracionistas, intensificar a polarização política-ideológica, ou mesmo prejudicar a saúde pública, como aconteceu durante a pandemia de Covid-19.

Além disso, segundo os autores, há três elementos que devem ser considerados: o agente, a mensagem e o intérprete. Os agentes são aqueles que criaram, produziram e distribuíram a mensagem, devendo observar principalmente qual a sua motivação. Quanto à mensagem, é preciso considerar seu tipo, formato e

características. Já o intérprete é o receptor/público da mensagem que a interpreta de uma determinada maneira e qual atitude toma diante dela. Essa compreensão envolve as três fases da desordem informacional: criação, produção e distribuição.

A proliferação de fake news é favorecida nas redes sociais devido a diversos fatores, como a rapidez de propagação dos conteúdos, a facilidade na produção e no compartilhamento instantâneo entre pessoas consideradas confiáveis, o funcionamento dos algoritmos, que privilegiam conteúdos capazes de gerar engajamento, a dificuldade dos usuários em diferenciar fontes confiáveis de fontes manipuladoras, a polarização política e ideológica, que incentiva o compartilhamento de informações alinhadas às crenças pessoais e assim por diante.

Fica claro que somente ensinar os estudantes a identificar notícias falsas não basta. É preciso desenvolver práticas de letramento crítico e midiático, estimulando-os a compreender como os discursos são produzidos, como circulam e exercem influência social. O combate à proliferação das fake news demanda o estudo do gênero notícia, bem como das estratégias multissemióticas empregadas pelos produtores de fake news, os recursos linguísticos, visuais, sonoros ou multimodais empregados para provocar medo, indignação, raiva, comoção, humor e assim por diante. Assim, o foco não deve ser apenas na falsidade em si da informação, mas na intenção subjacente em provocar danos e no conhecimento dos mecanismos que fazem com que a fake news pareça convincente, verdadeira e seja aceita por milhares de pessoas.

Saber identificar fake news requer contato com o gênero notícia e com as fake news a fim de compará-las. Para isso, é preciso que o usuário questione e busque a autoria da notícia falsa e enganosa, seu contexto de circulação, o público-alvo para o qual ela foi produzida e os interesses envolvidos na sua produção. Nessa direção, é preciso trabalhar a leitura multimodal, analisando textos verbais, imagens, vídeos etc.

Em tempos de Inteligência Artificial essa tarefa torna-se ainda mais desafiadora, o aprimoramento dos recursos faz com que deepfakes passem como verdadeiras nas redes sociais, produzindo efeitos nocivos. Por isso a checagem de fatos utilizando plataformas de verificação deve se tornar protocolo essencial para a navegação no meio virtual. Para além de ensinar conteúdo gramatical, a escola deve formar leitores capazes de interpretar, questionar e produzir criticamente os discursos que circulam nas redes sociais de forma ética e responsável.

Discutindo sobre a transformação provocada na circulação da informação pelas tecnologias digitais, Santaella (2019) aborda o termo pós-verdade para descrever a realidade contemporânea em que os fatos objetivos passam a ter menos influência na formação da opinião pública do que emoções, crenças e identidades coletivas. Assim, uma das principais características da comunicação na era da pós-verdade é prevalência do impacto emocional. Nas redes sociais, o excesso de informações, associado à lógica dos algoritmos, faz com que chamadas apelativas e imagens impactantes sejam consumidos e compartilhados de maneira superficial, sem reflexão, sem checagem das informações. Muitos usuários compartilham conteúdo sem verificar sua veracidade, contribuindo para a disseminação da desinformação.

[...] pouco importa se a mensagem é falsa e mentirosa, sua onipresença acaba por causar impacto, pois basta uma olhadela para ser capturado por sua insistência. O usuário compartilha sem nem mesmo ler o conteúdo, só passando os olhos na chamada e na imagem, cujo poder de atração as colocam no foco central da atração (Santaella, 2019, p. 32).



A internet ampliou o acesso à informação, mas também facilitou a produção e a circulação de conteúdos falsos e manipulados, o que torna difícil diferenciar informação confiável de conteúdos feitos para manipular ou reforçar crenças prévias, circunscrevendo os usuários em suas bolhas. A expressão *filter bubbles* foi criada por Eri Pariser (2010) em seu livro homônimo. As bolhas de filtro também são chamadas de câmara de eco, salas espelhadas, bolhas-filtro e molduras ideológicas. Elas impedem o contato com ideias contrárias, favorecendo a intransigência e a formação de crenças fixas, o que faz com que as pessoas fiquem mais suscetíveis à manipulação.

As bolhas se formam a partir de dados e informações do usuário: suas buscas, curtidas, compartilhamentos etc. Todos os rastros da navegação são usados para personalizar o que é oferecido a cada usuário. A partir das nossas predileções, os algoritmos traçam o perfil de usuário para oferecer exatamente aquilo que se encaixa na nossa bolha. Isso colabora para a construção de uma visão de mundo limitada.

Santaella (2019) aponta que embora as bolhas não sejam causadoras diretas das fake news, elas ajudam no processo de propagação. A atração por ideias conhecidas e que se alinham com nossas crenças é uma tendência natural do ser humano, é o que a psicologia cognitiva chama de viés de confirmação. Entretanto, as redes sociais os algoritmos intensificaram os efeitos dessa tendência.

Em suma, é preciso tornar sujeitos capazes de se posicionar criticamente diante das práticas de produção e propagação de informações no meio digital, a fim de reconhecer as variadas formas de manipulação da opinião por meio da desordem informacional. A seguir apresentamos a caracterização da pesquisa e as escolhas metodológicas estabelecidas.

3 METODOLOGIA

O foco deste estudo foi analisar a abordagem didático-metodológica inscrita nos livros didáticos de português dos anos finais do Ensino Fundamental sobre o combate à proliferação de falsas notícias (fake news). Nesta seção apresentamos as escolhas metodológicas estabelecidas, os critérios de delimitação do corpus e os procedimentos realizados. Foram selecionados para o corpus de análise uma das principais coleções de livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2024-2027, sendo uma das mais adotadas pelas escolas públicas de ensino fundamental.

Primeiramente foi realizada uma investigação nos documentos oficiais regulamentadores do ensino e nos suportes teóricos de base, para com isso entrever aspectos necessários para o tratamento didático do combate às fake news. Focando efetivamente em compreender a abordagem do LDP sobre o combate à proliferação de fake news nas práticas de leitura, este estudo caracteriza-se basicamente como exploratório e descritivo, posto que descrevemos a abordagem feita nos livros didáticos analisados quanto ao fenômeno das fake news.

A abordagem de pesquisa pretendeu interpretar no corpus o fenômeno em destaque por meio de descrições, interpretações e comparações, em um tratamento qualitativo. Quanto aos procedimentos, esta pesquisa é de cunho documental, pois confere um tratamento analítico específico, segundo os objetivos propostos, às referidas fontes de análise. Conforme distingue Gil (2002), a pesquisa documental diferencia-se da pesquisa bibliográfica quanto à natureza das fontes. Nesta, são utilizadas as contribuições dos diversos autores sobre dado assunto, enquanto aquela utiliza materiais que ainda não passaram por um tratamento analítico, ou que

podem receber um tratamento analítico específico de acordo com os objetos da pesquisa. Como técnica de pesquisa, o estudo se fez por observação direta intensiva do corpus.

Dentre as coleções aprovadas pelo PNLD atual, foi selecionada a coleção Português: Linguagens da Editora Saraiva, uma das grandes editoras de livro didático no Brasil, que há décadas tem produzido livros para as escolas públicas brasileiras. Após essas decisões, foram utilizados os arquivos em formato PDF dos manuais do professor da coleção Português: Linguagens, da Editora Saraiva para a coleta de dados. Para a identificação das ocorrências relacionadas ao tema, foi utilizada a ferramenta de busca (Ctrl + F) nos quatro volumes da coleção, buscando os termos "fake news", "desinformação" e "notícias falsas". Com isso identificamos as seções dos livros em que esse tema é abordado. Em seguida, foram realizadas as análises interpretativas de conteúdo a partir dos achados nos livros da referida coleção de LDP.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, conforme exposto na metodologia, a coleta dos dados foi feita no material em arquivo PDF dos manuais do professor da coleção Português: Linguagens da Editora Saraiva. Foi feita uma busca (Ctrl + f) dos termos "fake news", "desinformação" e "notícias falsas" nos quatro livros da coleção. O manual do professor é destinado exclusivamente ao docente e contém orientações didáticas, sugestões metodológicas, respostas das atividades, entre outras orientações. Foram comparadas as informações presentes no manual do professor e no manual do aluno, a fim de identificar o que aparece para o aluno sobre o tema e o que aparece apenas para o professor.

Como resultado da busca, apresentamos a seguir os achados em cada livro. No manual do 6º ano, os termos selecionados e citados acima não aparecem no manual do aluno. No manual do professor, o termo desinformação também não foi identificado, mas os termos "fake news" e "notícias falsas" aparecem no texto de orientação ao professor para trabalhar o gênero notícia, na página 289, capítulo 2 da unidade 4. No referido capítulo, o gênero trabalhado é a notícia. Ao longo do capítulo, há diversas atividades de leitura com notícias autênticas, que são usadas para trabalhar as habilidades de compreensão, interpretação e análise linguística.

O termo fake news aparece apenas nas insígnias de orientação ao professor. Há uma breve exposição sobre a origem dos gêneros jornalísticos no século XVIII e as diferentes mídias em que eles circulam também foram mencionadas: jornal impresso, portal de notícias na internet, jornal radiofônico, jornal televisivo, bem como a mídia digital que produz notícias no site, em podcast e em redes sociais. A facilidade com que as notícias são lidas, ouvidas e vistas em tablets e smartphones também é citada, mas não há um aprofundamento no tema.

Essas orientações sobre origem dos gêneros jornalístico e suas mídias, embora estejam expostas na seção "Agora é sua vez", que trata do gênero notícia, não aparecem relacionadas com a temática das fake news. Na seção, é abordado o gênero notícia escrita, em áudio ou em áudio visual, em que os alunos são orientados a produzir uma notícia. Conforme citação a seguir, nessa seção as fake news são apenas mencionadas: "[...] as novas tecnologias também disseminam mais facilmente os boatos ou as fake news (notícias falsas), o que torna o jornalismo profissional de qualidade cada vez mais relevante em nossa sociedade." (Cereja; Vianna, 2022, p. 289). Não há nenhuma orientação ao professor de como se deve

identificar fake news, nem mesmo discute os seus efeitos negativos e riscos à sociedade.

No tratamento do gênero, há orientações sobre como produzir uma notícia: quando ocorreu ou tem ocorrido o fato, com quem, onde, por quê, verificando suas possíveis causas e consequências. Aspectos como adequação da linguagem ao público, vocabulário acessível, a estrutura (título, lead e corpo), evitar gírias, evitar excesso de formalidade, uso de citação direta, evitar expor opinião aparecem nas orientações ao lado, mas não é explorado como o aluno deve fazer isso. Por exemplo, não se aborda quais estratégias são geralmente empregadas em notícias para evitar expor opinião e se é possível uma notícia sem opiniões, nem o que pode ser considerado excesso de formalidade. Esses aspectos precisam ser problematizados em sala de aula e o livro não traz orientações ao professor sobre como fazer isso.

Como as orientações são bem gerais, fica a cargo do professor escolher como e com que recursos irá abordar esses aspectos a fim de fomentar esse processo de produção textual. Contudo, nenhum desses aspectos foi relacionado com o combate às fake news, ficando totalmente a cargo do professor fazer essa relação e instrumentalizar os alunos no sentido de saber identificar as pistas que indiquem desinformação no gênero notícia, sobretudo nas mídias digitais em que as notícias são multissemióticas.

Um dos objetivos expressos do capítulo é perceber as estratégias de linguagem utilizadas para criar a impressão de neutralidade, mas essa habilidade não é explorada em profundidade, nem relacionada com as práticas de linguagem de desinformação. Na atividade da página 69 do mesmo capítulo, por exemplo, há uma questão que apresenta dois textos publicados por um mesmo órgão de imprensa (uma entrevista e uma notícia) e no item “c” pede para o aluno identificar qual dos pontos de vista parece mais confiável. Embora a questão seja considerada pessoal, o manual do professor dispõe algumas orientações para mediar a atividade.

Figura 2

5. O tema do aquecimento global tem causado divergências mesmo entre pesquisadores e cientistas. Compare, a seguir, trecho da notícia lida neste capítulo com trechos da entrevista concedida pelo jornalista estadunidense David Wallace-Wells, lida no capítulo anterior.

-----●-----

De acordo com o estudo, o derretimento ocorre independentemente da velocidade com que o mundo reduz as emissões que causam o aquecimento global.

“A Groenlândia vai ser o canário na mina de carvão, e o canário já está praticamente morto neste momento”, afirmou um dos autores do estudo [...].

-----●-----

Todos os aspectos da vida moderna têm uma pegada de carbono e precisamos eliminá-la. [...]

[...] Clima extremo, temporada de furacões sem precedentes, os incêndios em florestas, tudo isso já está se intensificando muito mais rapidamente. Esse aquecimento já significaria que as Ilhas Marshall estariam submersas, e grande parte da Flórida ou Bangladesh seria engolida pela água.

NIKLAS, Jan. Vida moderna deve mudar para combatermos aquecimento global. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/entrevista-vida-moderna-deve-mudar-para-combatermos-aquecimento-global-23784853>. Acesso em: 22 fev. 2022.

-----●-----

Fonte: Cereja; Vianna (2022, p. 69).



Figura 3

c) Ambos os textos foram publicados por um mesmo órgão de imprensa. Logo, qual dos pontos de vista parece mais confiável? Discuta com a turma, indicando os critérios em que você se apoiou para adotar o ponto de vista de um texto ou o do outro.

Resposta pessoal.

Fonte: Cereja; Vianna (2022, p. 69).

No texto de orientação ao professor, os autores sugerem que o texto 1, trecho de uma entrevista do jornalista estadunidense David Wallace-Wells, parece menos confiável, pois mesmo tendo publicado um livro sobre o assunto do aquecimento global, o autor não é cientista e não desenvolve pesquisa sobre o tema. Em contrapartida, o segundo texto, uma notícia sobre uma pesquisa publicada em uma revista científica renomada internacionalmente, parece ser mais confiável, embora seja preciso “questionar se ela não teria sido contaminada por ideologias ou interesses de grupos financeiros que lucrariam com o atual modelo de sociedade, de pendente do consumo de fontes energéticas baseadas no carbono”. (Cereja; Vianna, 2022, p. 269).

Com isso, percebe-se que no livro do 6º ano da coleção não há uma sistematização do que se deve considerar na análise da confiabilidade da informação, apenas a menção à formação do enunciador e de uma forma superficial. Essa orientação traz uma abordagem limitada da confiabilidade da informação. Em vez de sistematizar critérios que orientem os estudantes na avaliação crítica dos textos, o manual concentra-se apenas nas credenciais do enunciador e na natureza da fonte. Esses aspectos são relevantes, mas sozinhos são insuficientes para fundamentar um julgamento sobre a confiabilidade de uma informação.

Assim, esse livro da coleção não oferece critérios sistemáticos para avaliar a confiabilidade de uma informação. O fato de um autor não ser cientista, por exemplo, não implica que suas afirmações sejam falsas ou pouco confiáveis, assim como a publicação de um estudo em uma revista científica não elimina, por si só, a necessidade de examinar outros aspectos como as evidências apresentadas, a qualidade da argumentação, a transparência metodológica, a possibilidade de verificação por outras fontes e o contexto de produção e circulação da informação.

Desse modo, a atividade deixa de explorar a confiabilidade como um processo de avaliação baseado em múltiplos critérios e acaba reduzindo essa análise a indicadores de autoridade, sem oferecer aos estudantes instrumentos conceituais e metodológicos para realizar uma leitura crítica e fundamentada das informações que circulam em diferentes contextos sociais. A abordagem do gênero notícia feita no capítulo não é ruim, há uma progressão coerente na abordagem dos elementos e características do gênero notícia, bem como no tratamento dos efeitos de sentido presentes em texto autênticos utilizados para as atividades de leitura. Entretanto, não há de fato um tratamento de indícios de textos que veiculam desinformação, a menção é bem superficial, sem explorar as estratégias multissemióticas empregadas nas fake news a fim de munir o aluno da capacidade de reconhecer fake news e com isso evitar sua propagação.

O problema consiste em o livro considerar apenas a autoridade da fonte na definição da confiabilidade da informação, reduzindo a sua avaliação quase exclusivamente a esse aspecto. Para que haja de fato letramento informacional e educação midiática é preciso oferecer ao aluno uma visão integrada de critérios

avaliativos da confiabilidade da informação, tais como autoria, evidências, propósito comunicativo, contexto, verificação, qualidade e convergência de fontes independentes, e não apenas focar nas credenciais do enunciador.

Por um lado, com essa omissão, o professor tem ampla autonomia sobre como abordar o tema em sala de aula, por outro lado, faltou um direcionamento mais assertivo no manual didático, com exemplos concretos de como exprimir neutralidade e até mesmo de questionar a possibilidade de neutralidade em textos autênticos, refletindo também de que modo as fake news podem operar na manipulação dos usuários.

Ao longo do capítulo, as propriedades do gênero notícia são exploradas, mas além de ensinar como o texto jornalístico é construído, é preciso também ensinar como avaliar criticamente a confiabilidade das informações e das fontes, principalmente em meio ao cenário contemporâneo de desordem informacional. Apenas explorar as características do gênero notícia não é suficiente para combater a proliferação de fake news. Não basta apenas trabalhar a linguagem do jornalismo, sem promover e estimular o letramento informacional, que é fundamental para o enfrentamento das fake news.

Em outras questões do capítulo, o livro aborda neutralidade, objetividade distinção entre fato e opinião, mas perde a oportunidade de relacionar esses temas com a produção e proliferação de desinformação no meio digital. Essas habilidades também contribuem para o enfrentamento da desinformação, mas, isoladamente, não são suficientes. Não se pode afirmar que o manual não trate desses temas, mas fica evidente que ele os aborda de maneira insuficiente, desintegrada e pontual. Ou seja, no manual do aluno do 6º ano da coleção analisada, há apenas uma menção pontual ao tema das fake news, o capítulo foca na abordagem do gênero notícia, sem articulação com o fenômeno das fake news.

Nos manuais do 7º e do 8º ano não há nenhuma seção em que haja tratamento do combate às fake news, essa temática aparece somente no capítulo 1 da unidade 1 do livro do 9º ano, último ano da etapa do ensino fundamental. Esse capítulo é dedicado e focado no combate às fake news e tem como objetivos pedagógicos:

Figura 4

Capítulo 1 – As fake news e a pós-verdade

Objetivos pedagógicos

Neste capítulo os alunos vão:

- ler uma entrevista sobre pós-verdade e *fake news*, identificando suas características;
- refletir sobre as *fake news*, compreendendo as consequências desse tipo de informação;
- refletir sobre pós-verdade com textos multimodais;
- identificar o período composto por coordenação;
- ler um editorial, identificar sua organização e os elementos que o estruturam;
- produzir um editorial com a turma.

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 68).

Nesse capítulo, intitulado *As fake news e a pós-verdade*, o tema é abordado com o objetivo de promover uma reflexão sobre como isso pode ser prejudicial no âmbito coletivo e individual, gerando discursos de ódio e violência. Nas sugestões ao professor, o livro sugere o vídeo do historiador Leandro Karnal, em que ele aborda o tema: As fake news surgiram bem antes da internet. Além disso, o livro sugere ao professor a leitura de um artigo sobre pós-verdade, “Pós-verdade, fake news e fact-checking: impactos e oportunidades para o jornalismo” de Santos e Spinelli (2017). Essas sugestões podem auxiliar o professor a compreender melhor o tema para promover um diálogo fundamentado.

Como atividade complementar, o livro sugere que o professor pergunte aos alunos se eles já perceberam que leram ou receberam fake news e que detalhem como constataram que as notícias lidas não eram verdadeiras e quais estratégias eles podem desenvolver para checar informações no meio digital. Além disso, sugere que o professor anote as respostas na lousa ou em um cartaz a ser afixado em sala de aula. Essa orientação é bastante produtiva pois parte do conhecimento prévio dos alunos, valorizando os saberes empíricos em direção a novas aprendizagem. É uma boa forma de iniciar as discussões e obter o interesse e engajamento dos alunos.

O livro sugere também aos alunos um trecho de um desenho animado de 1943 para promover uma reflexão sobre os efeitos das fake news. O vídeo pode ser utilizado como um recurso didático para estimular a reflexão crítica dos alunos sobre os mecanismos que favorecem a disseminação de fake news. O professor pode promover discussões sobre a necessidade de verificar fontes, identificar indícios de manipulação e compreender os impactos sociais da desinformação. Dessa forma, o vídeo contribui para o desenvolvimento do letramento midiático e informacional, incentivando uma postura mais crítica e responsável diante dos conteúdos compartilhados no ambiente digital.

Além disso, a abordagem dessa temática aparece associada inicialmente por meio da leitura de uma entrevista transcrita intitulada *Como sair das bolhas?*. A entrevistada é a pesquisadora Pollyana Ferrari, que trata sobre fake news, pós-verdade e o papel da educação para construir ética e senso. O texto explora como as redes sociais e os algoritmos criam “bolhas” que limitam o senso crítico e facilitam a propagação de mentiras. Nas laterais, o livro sugere que o professor, antes de iniciar a atividade de leitura, questione os alunos sobre qual é o significado da expressão “fake news”, sugerindo que ele deixe que os alunos falem livremente durante o tempo estipulado para a discussão. Conforme mencionado anteriormente, essa abertura para o saber do aluno é essencial para promover interesse e engajamento dos alunos nas atividades propostas. Após o texto da entrevista transcrita, o livro oferece uma atividade de compreensão e interpretação textual sobre o texto lido.

Na entrevista a pesquisadora responde sobre pautas como surgimento das fake news, seus efeitos negativos e riscos, conceito de pós-verdade e bolhas. Esses conceitos aparecem nas questões da atividade da página 16 e 17, como: “O que são fake news?”, “O que é pós-verdade?”, “Que relação ela tem com as fake news?”, “Explique a relação existente entre as fake news, os algoritmos e as bolhas”. A referida atividade de fato explora a compreensão textual e a interpretação.

Embora a entrevista e a atividade sejam importantes para o conhecimento do tema e de seus efeitos negativos, tal abordagem não é suficiente para fomentar os saberes necessários para não cair em fake news. Para combatê-las, não basta

apenas conhecer esses conceitos e saber que as fake news trazem prejuízos individuais e coletivos, é preciso saber reconhecê-las. Como reconhecê-las? O livro é um tanto quanto omissivo em relação a isso.

Em seguida, na seção A linguagem do texto, página 18, o livro aborda questões como a origem do termo “fake news” e aspectos gramaticais na construção de sentidos no texto, como uso de pronome na referência, concordância verbal, emprego de aspas etc., mas essa abordagem não se articula devidamente com as habilidades de combate às fake news, não é explorado como esses recursos gramaticais podem ser usados a favor da manipulação e do engano presente em fake news.

Na seção *Trocando ideias*, o livro apresenta alguns questionamentos que levam os alunos a refletir sobre a pesquisa no meio digital: “Você costuma procurar garantir que suas pesquisas na internet retornem informações confiáveis e bem fundamentadas? Que fontes de pesquisa fora do ambiente digital você costuma utilizar?”, “O que é ter uma postura ética no mundo digital?”, “Você costuma compartilhar postagens só depois de avaliar se o que recebe é ou não confiável? Por quê?”.

Essas perguntas contribuem para o letramento midiático e informacional e para o combate às fake news porque incentivam os alunos a refletir sobre seus hábitos de consumo, avaliação e compartilhamento de informações. Elas auxiliam na reflexão sobre a prática de checagem das informações no sentido de questionar a credibilidade das fontes e a importância de confrontar informações de diferentes fontes. Também estimulam a reflexão sobre ética, autorreflexão quanto aos hábitos de compartilhamento e o uso responsável das tecnologias, o que envolve respeito, responsabilidade e compromisso com a veracidade das informações.

No manual do professor, o livro indica que as respostas a esses questionamentos são pessoais, mas apresenta para a primeira questão a seguinte possibilidade de resposta: “Para uma pesquisa segura, é possível usar métodos de pesquisa; o trabalho de pesquisa e divulgação realizado por jornalistas para averiguar uma informação pode auxiliar nesse processo.” (Cereja; Vianna, 2022, p. 19). Mas não diz exatamente que métodos devem ser utilizados. E continua: “Entrevistas, livros impressos, artigos de revistas científicas são importantes fontes de pesquisa que podem ser encontradas nos meios digital e impresso.” (Cereja; Vianna, 2022, p. 19).

Com isso, a comparação entre diferentes fontes aparece como prática de identificação e combate às fake news. Quanto à segunda pergunta, o livro dá a sugestão de incentivar os alunos a levantar hipótese e, quanto à resposta, indica que são pessoais, mas sugere, entre outras possibilidades, que os alunos podem dizer que “não devem compartilhar informações se não estão seguros de que são confiáveis, assim como não devem expor ou divulgar informações pessoais de outras pessoas.” (Cereja; Vianna, 2022, p. 19). Essas sugestões podem auxiliar na identificação das fake news e como forma de evitar sua propagação. Em seguida, na seção *Cruzando linguagens*, é apresentada uma atividade em torno da seguinte tirinha:

Figura 5



Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 19).

Na atividade, é questionado ao aluno “Qual das mensagens recebidas parece ser fake news? Por quê?”, com respostas pessoais. A proposta é levar o aluno a perceber que a informação absurda presente na fala do menino é um indicativo de que a notícia lida por ela seja fake news. Nessa seção, é abordada a habilidade de identificar fake news. Entretanto, essa abordagem restringe-se somente aos casos em que a informação é tão absurda que não pode ser tomada como verdadeira.

A atividade explora também o fato de que as bolhas favorecem a proliferação de fake news pois os indivíduos tendem a acreditar naquilo que corrobora seu viés de confirmação, sem checar as informações e compartilhando-as imediatamente. Contudo, muitas das fake news, principalmente aquelas que ganham maior alcance, são elaboradas de tal jeito a imitar notícias verdadeiras que as pessoas acabam compartilhando por acreditarem que se trata de uma notícia real.

Uma das questões da atividade comentada é “Por que a menina diz ‘Mas a sua tá com cara de fake news!’? O que a faz desconfiar da mensagem?”, esse comando induz o aluno a refletir sobre as características de notícias falsas, mas não apresenta ao aluno, nem ao professor no manual, quais pistas podem ser indicativo de que a notícia é falsa, restringindo-se apenas ao que a tirinha expõe: uma informação sem lógica e absurda.

Conforme comentado acima, nem sempre as fake news são evidentes em sua falsidade. Muitas vezes simulam muito bem, revestindo o texto de aparência de verdade. Nesses casos seu potencial nocivo se torna bem mais amplo e perigoso. O livro acerta quando em outra questão aborda a necessidade de checar as informações, uma prática relevante no combate às fake news.

Figura 6

4. Ao contrapor comportamentos diferentes dos personagens, a tira parece pretender mostrar como circulam as *fake news* nas redes sociais. Segundo essa lógica, qual deles tem um comportamento que favorece a circulação de *fake news*? Por quê?

Fonte: Cereja; Vianna, 2022, p. 20.

Em seguida, ainda na mesma atividade, os autores apresentam uma peça publicitária, a qual apresentamos a seguir. Embora de forma breve, a abordagem desse texto pode ser conveniente para que o professor discuta o termo fake news. O livro utiliza frequentemente o termo fake news e não faz distinções entre os diferentes

tipos de desinformação, explanados anteriormente na seção de referencial teórico. Isso pode ser problematizado, já que atualmente esse termo é considerado inadequado por pesquisadores, pois sugere que notícias podem ser falsas. Na verdade, as fake news desviam os propósitos do jornalismo e do gênero notícia e isso deve ser discutido e refletido em sala de aula.

Além disso, o livro não problematiza o próprio uso da expressão fake news, considerada inadequada atualmente por diversos pesquisadores por sugerir que notícias possam ser "falsas", quando, na realidade, notícias pressupõem compromisso com procedimentos jornalísticos.

Figura 7



Fonte: Cereja; Vianna (2022, p. 20).

Em sequência, o livro aborda o conteúdo gramatical de orações coordenadas, mas não há de fato uma correlação entre esse conteúdo com as fake news. Depois, o livro apresenta uma campanha publicitária contra notícias falsas desenvolvida pelo Senado Federal intitulada *Como não cair nos boatos de internet?*. As propriedades do gênero peça publicitária são abordadas nas questões da atividade proposta, como finalidade, público-alvo, verbos no imperativo e função dos elementos visuais, como a imagem em funil presente na peça e os efeitos de sentido dessa escolha. Conjunções coordenativas também são abordadas na mesma atividade, mas sem uma relação com seu uso na identificação de fake news. No texto, algumas dicas são apresentadas:

Figura 8



Fonte: Cereja; Vianna, 2022, p. 26.

Por fim, a produção de editorial compõe a culminância do capítulo. Na seção de produção de texto, primeiro é apresentado um editorial publicado em um jornal no interior do estado de São Paulo intitulado *Senso crítico e fake News*, seguido de uma atividade. Elementos da estrutura do gênero editorial são abordados na atividade proposta. Depois, é apresentado um artigo de opinião de autoria do jornalista Lira Neto como texto de apoio para a produção textual do gênero editorial a ser feita pelos alunos. Há uma sugestão de que a versão final do editorial elaborado pelos alunos seja publicada no jornal a ser organizado com a turma e compartilhado no evento *Ser jovem em tempos de internet e pós-verdade*. Não são dadas orientações sobre o referido evento, ficando a cargo professor organizá-lo.

No referido capítulo, fica claro que a temática do combate às fake news aparece em atividades de leitura, interpretação e compreensão textual, bem como da produção textual. Como elencado anteriormente, essa abordagem tem pontos positivos e negativos. Um dos pontos positivos do material é que o assunto aparece abordado em diferentes gêneros textuais: entrevista, tirinha, campanha publicitária, editorial. Isso permite que os alunos observem como essa temática é representada em diferentes esferas sociais.

Entretanto, a coleção deixa de explorar a fundo as características do gênero notícia e as estratégias utilizadas nas fake news enquanto desvirtuação do gênero notícia. Embora aborde a questão da autoria e faça uma breve caracterização do gênero, isso é insuficiente para munir o aluno das competências e habilidades necessárias para identificação das fake news, o que é fundamental para o combate a esse fenômeno.

Conhecer as características do gênero textual notícia e saber avaliar a veracidade de uma informação são competências diferentes. As fake news imitam o gênero notícia, ou seja, reproduzem a estrutura, a linguagem e até a aparência visual de notícias jornalísticas. Elas reproduzem as convenções desse gênero para produzir um efeito de credibilidade, mas também deixam indícios de engano e manipulação que podem ser reconhecidos pelo leitor crítico. O material não aprofundou nas habilidades de reconhecimento de desinformação.

Então, reconhecer as características do gênero não garante que o leitor consiga distinguir uma notícia verdadeira de uma falsa. Um texto pode conter título, lide, citações e linguagem objetiva e, mesmo assim, conter informações falsas, descontextualizadas ou manipuladas. A avaliação da confiabilidade depende de critérios que vão além da mera forma do texto. Além disso, outras habilidades devem ser consolidadas, tais como verificar quem produziu a informação, identificar as evidências apresentadas, verificar em outras fontes independentes a confirmação das informações, identificar elementos do contexto de produção que corroborem com as informações, identificar interesses que podem estar envolvidos e assim por diante. É preciso também considerar que notícias falsas podem conter dados verdadeiros retirados de contexto, citações manipuladas, forjar especialistas ou informações parcialmente corretas. Essas estratégias devem ser abordadas em sala de aula com exemplos autênticos.

A partir da análise do material, ficou constatado que a abordagem do tema se dá por gêneros multimodais e foca no aspecto conceitual do problema, promovendo uma conscientização crítica sobre o meio digital. Os gêneros textuais trabalhados são entrevista, tirinha, infográfico, editorial e peça publicitária. Esses gêneros não aparecem só para ilustrar conteúdos gramaticais, mas são estudados considerando finalidade comunicativa, interlocutores, contexto de produção, recursos verbais e não verbais na produção de sentidos etc. A análise não fica restrita à estrutura textual,

envolvendo também os efeitos de sentido produzidos. O livro apresenta também conceitos fundamentais relacionados ao tema como pós-verdade, bolhas sociais e algoritmos. A entrevista com a pesquisadora Pollyana Ferrari contextualiza o problema do ponto de vista histórico e explica como o imediatismo favorece a desinformação.

Além disso, o senso crítico é estimulado por meio de textos diversos que sugerem ações de combate à fake news, como verificar a confiabilidade das fontes, pesquisar antes de compartilhar, questionar informações aparentemente absurdas, consultar fontes diversas, refletir sobre as consequências da circulação de conteúdos falsos e discutir responsabilidade ética nas redes sociais, promovendo o letramento midiático e colocando o aluno no papel ativo de reconhecimento e responsabilidade, não seja apenas consumidor passivo das informações. Nesse sentido, o livro apresenta vantagem em relação a outros materiais que somente alertam para os riscos das fake news sem ensinar estratégias concretas de verificação.

O livro propõe a formação do hábito de checar as informações, estimulando a prática de duvidar e pesquisar. Na seção "Cruzando linguagens", os alunos são levados a investigar o teor de uma mensagem recebida por um personagem, comparando-a com fontes confiáveis, outra habilidade essencial para o combate à desinformação. As orientações pedagógicas direcionadas ao professor frisam a necessidade de discutir a ética no ambiente digital e o papel da escola no desenvolvimento do senso crítico.

O uso de um infográfico do Senado Federal funciona como um guia de verificação da veracidade das informações, orientando o aluno a conferir a fonte, a data, a credibilidade e a evitar cair em alarmismo, aspecto frequentemente empregado em fake news. A abordagem feita pela coleção analisada apresentam qualidades notórias como a abordagem interdisciplinar, relacionando conceitos de outras áreas, em vez de focar apenas no aspecto linguístico ou gramatical. As atividades propostas estimulam a construção de sentidos em textos sobre fake news. O capítulo culmina na produção de um editorial, vinculando o combate às fake news à responsabilidade democrática.

No entanto, há algumas limitações no material analisado. A abordagem é ainda relativamente superficial em alguns aspectos. Um deles é que o livro trata o enfrentamento das fake news praticamente somente como uma questão de verificar se uma informação é verdadeira ou falsa, deixando de lado aspectos como a manipulação discursiva, os enquadramentos ideológicos, a descontextualização de informações verdadeiras, o uso estratégico das emoções, estratégias persuasivas presentes nas fake news que as fazem passar por verdadeiras e com isso alcançar amplo compartilhamento. Com isso, o foco é quase exclusivamente verificar fatos, desenvolvendo muito pouco as competências para analisar criticamente os discursos.

Há ainda outras limitações, como a ausência de abordagem de quais ferramentas tecnológicas podem ser usadas para a verificação. Apesar de mencionar "checadores de notícias" nas orientações ao professor (Cereja; Vianna, 2022, p. 20), o material não instrui o aluno a utilizar ferramentas específicas e gratuitas disponíveis (como busca reversa de imagens ou agências de checagem nacionais) no corpo principal das atividades, nem há orientações ao professor no manual para tal abordagem.

Também há omissão no tratamento das novas tecnologias de desinformação. Não há menção a desafios mais complexos e atuais do letramento midiático, como as deepfakes ou sobre o papel da Inteligência Artificial na geração de desinformação

em massa. Não há nenhuma sugestão de aula ou atividade in loco, em que os recursos tecnológicos sejam utilizados pelos alunos na escola com mediação do professor com vistas a desenvolver as habilidades de letramento necessárias. A abordagem fica muito no campo teórico, sem aplicação prática.

As *Big Techs* são abordadas também de forma superficial. O livro explica o que são algoritmos, mas não desenvolve uma discussão crítica sobre a responsabilidade das plataformas de redes sociais, sobre a necessidade de auditorias constantes e sobre as políticas de moderação de conteúdo. Com isso, o material trata do combate à desinformação como uma tarefa quase exclusivamente de responsabilidade individual do usuário. É problemático o fato de que as soluções propostas no livro focam quase exclusivamente na responsabilidade do indivíduo de verificar, de pesquisar, de não compartilhar.

A responsabilidades das plataformas digitais, das empresas de tecnologia, das políticas públicas e das instituições sociais praticamente nem são mencionadas. Isso faz parecer que a desinformação é consequência de escolhas individuais, e não um fenômeno estrutural. Não há abordagem sobre os interesses econômicos e políticos que movem a desinformação. O foco é dado aos efeitos do compartilhamento, e não às estruturas que produzem e sustentam esse ecossistema.

Os mecanismos de circulação da desinformação são pouco explorados ou meramente mencionados sem aprofundamento da reflexão sobre o funcionamento dos algoritmos, a formação de bolhas informacionais, a monetização da desinformação etc., elementos fundamentais para compreender por que algumas informações falsas alcançam tanta visibilidade.

Há também uma lacuna quanto ao caráter econômico da desinformação. Apesar de mencionar que grupos ganham dinheiro com fake news, o livro não aprofunda esse aspecto deixando de explorar, ainda que de forma sucinta, como funciona a monetização por cliques ou o uso de dados pessoais para direcionamento de propaganda enganosa. A estratégia de clickbait é um dos elementos fundamentais para entender por que as fake news circulam tão rapidamente.

Na internet os textos multissemióticos são produzidos para gerar tráfego online recorrendo a títulos e chamadas sensacionalistas que atraem cliques. É também comum o uso de imagens manipuladas com esse fim. Essa prática, que busca "fiscar" o usuário com promessas de conteúdo interessante, muitas vezes implica conteúdos de baixa qualidade ou enganosos, prejudicando a credibilidade do usuário. O livro foi omissos em relação a esses textos e sua finalidade de aumentar o engajamento e a visualização de conteúdo.

Além disso, o material utiliza frequentemente o termo fake news e não faz distinções entre os diferentes tipos de desinformação, explanados anteriormente na seção de referencial teórico. Isso acaba por simplificar um fenômeno complexo e amplamente estudado por pesquisadores atuais sobre desordem informacional.

No editorial apresentado no final do capítulo, a valorização do jornalismo profissional é apresentada como resposta às fake news. Apesar disso, o livro pouco incentiva uma postura crítica em relação aos próprios meios de comunicação. Mesmo diante de notícias produzidas pela imprensa profissional, o aluno deve manter uma postura crítica, percebendo que as notícias são feitas a partir de um dado enquadramento, com seleção de fontes e vieses editoriais, ainda que camuflados.

Por fim, um dos principais problemas é a ausência de uma análise crítica da linguagem. Mesmo trabalhando diversos gêneros textuais, o livro raramente analisa recursos linguísticos característicos da desinformação, como títulos sensacionalistas,

linguagem alarmista, apelos emocionais, falsas autoridades, generalizações, manipulação lexical e assim por diante.

Como foi publicada em 2022, naturalmente a coleção tem uma limitação temporal, pois utiliza fontes anteriores a esse ano. Os livros da coleção, assim como a BNCC, utilizam o termo fake news, em vez de desinformação ou desordem informacional, que fazem parte de estudos mais recentes sobre o tema, como o trabalho de Wardle e Derakhshan (2017), que defendem que as fake news fazem parte de um fenômeno muito mais abrangente e complexo. Essa limitação muito provavelmente será corrigida nas próximas coleções, incluindo abordagens e estudos mais recentes sobre o tema. As dinâmicas de vídeo curto (como o TikTok e os Reels do Instagram), que fazem parte do cotidiano nos alunos de forma intensiva, também não foram explorados nas atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse apartado trabalho analítico, apontamos pontos positivos e negativos dos manuais selecionados na abordagem do combate à proliferação de fake news. A coleção de livros didáticos analisadas, embora promova uma leitura crítica da circulação de informações, apresentam limites quanto ao enfrentamento mais aprofundado da desinformação. No material, os alunos são levados a discutir os efeitos sociais das fake news, refletir sobre o comportamento dos usuários nas redes sociais, participar de debates, produzir texto argumentativo destinado à comunidade escolar. Entretanto, para fazer frente às demandas atuais quanto ao combate à proliferação de fake news, é preciso capacitar o estudante com as habilidades necessárias para identificar e combater desinformação.

Entre outras habilidades, mencionadas anteriormente, é preciso levar em consideração que as fake news trazem um forte apelo visual, o que não é explorado nos livros didáticos analisados, assim como as estratégias discursivas comumente empregadas a favor da manipulação. A questão da identificação da autoria e da responsabilização, embora sejam necessárias, não são tão eficazes no combate às fake news, já que muitas vezes até que se consiga identificar os autores o dano já foi provocado em larga escala, sendo difícil barrar a fruição da desinformação. Por isso, as fake news não devem ser vistas só como textos falsos isolados, mas como parte de uma desordem informacional mais ampla e que emprega recursos linguísticos e multissemióticos.

Para combater esse problema é preciso promover letramento midiático, pensamento crítico e maior responsabilidade das plataformas digitais. A checagem das informações e dos conteúdos deve se tornar um hábito. Para interagir no meio digital de forma crítica e consciente é preciso também que o aluno saia da posição de receptor passivo, o que foi estimulado nas atividades e orientações dadas ao professor. Contudo, essa abordagem precisa fomentar os alunos dos saberes necessários à identificação da desinformação, o que requer não somente posicionamento crítico, mas conhecimento das estratégias empregadas na produção de fake news, como o apelo à emoção (medo, indignação, raiva etc.), manipulação de imagens e vídeos cada vez mais realistas em tempos de inteligência artificial e polarização discursiva.

Com a análise, fica ainda mais saliente o papel do professor no sentido de promover uma abordagem ampla, crítica e integrada do tema, relacionando múltiplas habilidades e competências. Todo material didático tem suas limitações. Diante da impossibilidade de dar conta de todos os conteúdos e suas propriedades, os autores

precisam fazer seleções, e o que oferecem é apenas um recorte em meio à complexidade do tema, o que naturalmente pode ensejar em abordagens superficiais, deixando de fora aspectos importantes. Com isso, este trabalho lança luz para a elaboração de novas propostas didáticas sobre o tema que possam auxiliar o professor e autores na produção de materiais mais completos.

REFERÊNCIAS

AGRA, Giane; NEVES, Herbertt; GUIMARÃES, Lílian Noemia Torres de Melo. Fake news no livro didático de português do ensino fundamental: análise de atividades.

Revista 15 de outubro, Campina Grande, v. 2, n. 1, p. 51–62, 2023. DOI:

10.5281/zenodo.10072479. Disponível em:

<https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/r15o/article/view/969>. Acesso em: 12 set. 2026.

ALMEIDA FILHO; José Carlos P. **Linguística Aplicada**: Ensino de Línguas e Comunicação. Campinas: Editora Pontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Fundação Carlos Alberto Vanzolini, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução: Anna Rachel Machado, Maria Meirelles Matencio. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

BRONCKART, Ecaterina Bulea. Linguagem como atividade, linguagem na atividade, linguagem sobre a atividade: elementos para uma discussão crítica. Tradução de Jaci Brasil Tonelli e revisão de Luzia Bueno e Eliane Gouvêa Lousada. In: LOUSADA, Eliane Gouvêa et al. (Org.) **As unidades semióticas em ação**: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Língua Portuguesa**: Ensino Fundamental: anos finais: 6º ano: manual do professor. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Língua Portuguesa**: Ensino Fundamental: anos finais: 7º ano: manual do professor. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Língua Portuguesa**: Ensino Fundamental: anos finais: 8º ano: manual do professor. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.



CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental: anos finais: 9º ano: manual do professor**. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre fake news. **Revista USP** 116, p. 39-44, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. (Org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. **New Literacies**: Changing Knowledge and Classroom Learning. Reino Unido: Open University Press, 2003.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 49, p. 455-479, 2010.

LIMA, Felipe Noronha de. **Fake news e a formação de leitores em livros didáticos do ensino médio**. Orientadora: Ana Virgínia Lima da Silva Rocha. 2025. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, p. 11-24, 2009.

MITSUNARI, Nathália Akemi Sato. **A leitura de fake news em livros didáticos do Novo Ensino Médio**: uma responsabilidade bidirecional. 2025. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2025.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 179-197, 2012.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, 2016.

PARISER, Eli. **The filter bubble**: What the Internet is hiding from you. penguin UK, 2011.

ROUSSIN, Juliette. Fake news: um problema de crença. In: ALMEIDA, Júlia; BARONAS, Roberto Leiser. **Fake news**: abordagens discursivas. Araraquara: Letraria, 2023, p. 12-23.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.



SANTOS, Jessica de Almeida; SPINELLI, Egle Müller. **Pós-verdade, fake news e fact-checking**: impactos e oportunidades para o jornalismo. São Paulo: Publisher Brasil, 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

STREET, B.V. **Literacy in Theory and Practice**. New York: Cambridge, 1984.

SOARES, Magda. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 1998.

SOARES, Magda. B. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **Linguagem e Pensamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1934].

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WILSON, Carolyn *et al.* **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. UNESCO/UFTM, 2013.

Recebido: 03/08/2026

Aceito: 11/09/2026

Publicado: 17/09/2026

COMO CITAR:

BRITO, Sabrina Nayara de Lima. O combate às fake news no livro didático: uma análise da coleção Português: Linguagens (PNLD 2024–2027). **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 2, p. 1–25, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.8282. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/8282>.